

**OS IMAGINÁRIOS UTÓPICOS DO *BELO SEXO*:**

**AS REPRESENTAÇÕES DE MULHER NA LITERATURA MACHADIANA E SEUS  
CORRELATOS NA LITERATURA BAIANA DOS OITOCENTOS**

***THE BEAUTIFUL SEX UTOPIC IMAGINARY :***

**WOMAN'S REPRESENTATIONS IN MACHADIANA LITERATURE AND ITS  
CORRELATES IN THE BAIANA LITERATURE OF THE EIGHT HUNDREDS**

---

**Joel Nolasco Queiroz de Cerqueira e Silva\***

**Resumo:** Por meio dos pressupostos teóricos que permitem a *interface* entre História e Literatura, das teorias da Nova História Cultural e dos estudos de Gênero, sobretudo, aqueles defendidos por Antônio Candido, Roger Chartier, Pierre Bourdieu, Sidney Chalhoub, Sandra Pesavento, Peter Burke, e John Scott, este texto identifica e descreve, de forma densa, as características físicas e comportamentais, que faziam parte do perfil ideal de mulher para a contração do matrimônio na literatura machadiana, verificando quais destes elementos possuíam correspondentes nos escritos baianos oitocentistas, principalmente, nas teses de doutoramento da FMB. Assim, foi possível construir um retrato sumário do ideal de mulher proferido no Brasil do século XIX, que se apresentava também em outros campos intelectuais brasileiros como a Bahia.

**Palavras-chave:** Machado de Assis; Mulher; perfis ideais; casamento.

**Abstract:** By means of theoretical assumptions that allow the interface between history and literature, of the theories of the New Cultural History and of the Gender studies, especially, those advocated by Antonio Candido, Roger Chartier, Pierre Bourdieu, Sidney Chalhoub, Sandra Pesavento, Peter Burke and John Scott, this paper identifies and describes, in a dense form, the physical and behavioral characteristics, which were part of the ideal profile of woman for the contract of marriage in the literature of Machado, identifying which of these elements had correspondents in written texts of the nineteenth-century in Bahia, mainly, in PhD thesis of the FMB.

**Keywords:** Machado de Assis; woman; ideal profiles; marriage.

---

\* Mestre em História Social pela UFBA. Professor do Ensino Médio na rede pública e privada: Colégio Anchieta S/A e Colégio Estadual José Barreto de Araújo. E-mail: [jnqcs9@yahoo.com.br](mailto:jnqcs9@yahoo.com.br)

### Introdução: “que diferença da mulher o homem tem?”

Tem pouca diferença

Que diferença da mulher o homem tem?  
Espera aí que eu vou dizer, meu bem  
É que o homem tem cabelo no peito  
Tem o queixo cabeludo  
E a mulher não tem  
No paraíso um dia de manhã  
Adão comeu maçã, Eva também comeu  
Então ficou Adão sem nada, Eva sem nada  
Se Adão deu mancada, Eva também deu  
Mulher tem duas pernas, tem dois braços, duas coxas  
Um nariz e uma boca e tem muita inteligência  
O bicho homem também tem do mesmo jeito  
Se for reparar direito tem pouquinha diferença...<sup>1</sup>

A música foi composta um século depois de transcrito o objeto de estudo deste artigo. Todavia, verifica-se que tanto a literatura de ficção como a médica se dedicaram no século XIX a analisar, não só na Bahia, mas em todo o Brasil, a indagação supracitada, isto é, as diferenças físicas e comportamentais existentes entre os homens e as mulheres.

Mary Del Priore chamou atenção para o fato de, na literatura do século XIX, homens e mulheres aparecerem com vocações diferentes, mas, também, como elementos complementares. O homem emergia como o ser dominante, que nascera para “mandar, conquistar, realizar”, sobretudo, quando pai ou marido. A mulher, em contrapartida, era destinada a agradar, principalmente, por meio dos comportamentos pudicos e pelas suas naturais vocações: de ser esposa e mãe. (DEL PRIORE, 2006, p. 122).

O discurso que circulava entre a elite branca e letrada do Brasil era o de um imaginário de mulher inspirado no romantismo francês. Este imaginário mantinha relações com elementos de origem religiosa, que aproximavam o ser feminino de um ser celestial. A mulher era uma espécie de anjo ou musa, na qual a pureza, a beleza e a virgindade eram seus maiores atributos e sua mais importante função era servir ao homem. (DEL PRIORE, 2006, p. 122)

---

(1) Composição: Durval Vieira. Versão catada por Gal Costa.

A ideia de que a mulher nasceu para servir ao *Sexo Varonil* era marca primordial dos escritos de Rousseau, sobretudo, em seus estudos sobre a educação. (ROUSSEAU, 1990, p. 229). Isso evidencia uma similitude de posicionamento entre as ideias deste autor e as das elites brasileiras. Os escritos sobre educação feminina na Bahia dos oitocentos, como é o caso do manual escrito por Lino Coutinho:<sup>2</sup> “*Cartas sobre a educação de Cora [...]*, sofreram forte influência do iluminismo e das obras roussoreanas. (REIS, 2000, p. 230).

Segundo Gilberto Freyre, os imaginários produzidos sobre os sexos se expressavam por meio de construções de aparências físicas e comportamentais bem diferentes entre os gêneros. Para o referido autor, o homem patriarcal tentava construir um imaginário de mulher o mais distante possível do dele, afirmando que ela possuía como características marcantes a fraqueza e a beleza, enquanto ele, a força e a nobreza. Afiançava-se o culto a uma mulher frágil, que estava submetida às ordens e aos desejos masculinos, com o objetivo de assegurar, sobretudo, o direito de posse e controle sobre o dito ser submisso. (FREYRE, 1997).<sup>3</sup>

Era em sentido análogo ao supracitado, que as teses produzidas pelos doutorandos da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) comparavam as características físico-psicológicas dos homens e das mulheres. Francisco Jacinto da Silva Coelho advertiu que, até a idade dos 13 anos, os dois sexos se equivaliam em procedimento e comportamento, mas depois desta idade, devido ao início da fase da puberdade, tanto no homem como na mulher, as diferenças emergiam de forma acentuada, influenciando o estado físico e o moral de ambos.<sup>4</sup>

Silva Coelho considerava que essas diferenças na mulher apareciam como consequência da preparação do corpo para a reprodução e à maternidade. A partir deste momento, o sexo feminino tomava o gosto pela vaidade, pelos adornos e pela beleza. Por esse

---

(2) José Lino Coutinho nasceu na Bahia em 1784. Formou-se em medicina, em Coimbra, e foi professor da Escola de Medicina da Bahia, em 1825, na cadeira de patologia externa. Em 1833 foi Reitor dessa instituição. Participou da Junta Provisória da Bahia, em 1821, na ocasião do processo de Independência da Bahia, sendo depois nomeado membro das Cortes de Lisboa. A partir de 1826 foi eleito deputado da Assembléia Geral, o que lhe rendeu o agraciamento com o título de Conselho, bem como a nomeação de médico honorário do Imperador. Ele foi, ainda, filósofo e poeta. Destacou-se como deputado devido a seus projetos e discursos de tendência liberais. Segundo Adriana Dantas, na lista de livros que constava no seu inventário se encontrava obras relativas à filosofia e à política, como: as de Montesquieu, Holbach, Mirabeau, Voltaire, em maior quantidade do que aquelas relativas à medicina. Isso prova o quanto ele estava integrado com as ideias iluministas. Morreu em 1836, aos 52 anos. APEBA, Seção Judiciária – Coutinho, Jose Lino. Inventário, ref. 01/105/157/04 (1836-1862), p. 36-44; e REIS, Adriana Dantas. *Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX*. Salvador: FCJA/CEB, 2000, p. 230.

(3) Entender Patriarcalismo na forma concebida por Freyre.

(4) As fontes primárias serão citadas em nota de rodapé: COELHO, Francisco Jacinto da Silva. *Considerações médico-filosóficas sobre a mulher*. Bahia: Tip. Do Correio Mercantil de Reis Lessa e Comp., 1845.

motivo os sentimentos que comporiam o pensamento das senhorinhas seriam: o orgulho, o amor próprio, a cólera, o pudor, a vaidade, o amor romântico e o ciúme.<sup>5</sup>

O doutorando Simplício de Souza Mendes definiu os principais elementos que distinguiam os homens das mulheres, que, por sua vez, seriam suas primordiais características e formariam suas fraquezas e qualidades:

A castidade torna-se para a moça a extrema força de sua virtude, como a coragem é aquela do homem. A falta de pudor torna-se para ela um vício, tão detestável, tão degradante quanto a covardia o é para o homem.<sup>6</sup>

José Rodrigues Nunes Filho afirmava que as mulheres costumavam se destacar pelo grácil e belo físico, enquanto o homem pelo corpo vigoroso, o que expressaria, respectivamente, a feminilidade e a virilidade. Tais diferenças seriam tão marcantes, que se chegou ao ponto de associar a beleza feminina à condição virginal.<sup>7</sup> Fato que me faz concordar com Dinorah de Castro, pobre das feias duas vezes, por serem feias e ‘não puras’. (CASTRO, 1996).

A mais destacada diferença, segundo os doutorandos da FMB, entre os homens e as mulheres residia em suas capacidades intelectuais. Para José M. de C. Santos, a diferença de inteligência no gênero feminino, quando comparada com as dos homens, explicava-se pelo fato das partes antero-superiores do cérebro serem menos desenvolvidas nelas.<sup>8</sup>

Contudo, não era somente nas teses de doutoramento da FMB que as diferenças de inteligência entre os sexos eram representadas. A literatura de ficção também deu sua contribuição. Machado de Assis, em sua obra *Helena*, mesmo que criticando esse posicionamento da medicina, evidenciou a crença na superioridade intelectual dos homens, quando fez Estácio afirmar que sua suposta irmã era tão inteligente que deveria ter nascido homem:

— Tem razão, disse Helena; aquele homem gastará muito mais tempo do que nós em caminhar. Mas não é isto uma simples questão de ponto de

(5) COELHO, Francisco Jacinto da Silva. Op. Cit.

(6) MENDES, Simplício de Souza. *Reflexões médico-legais sobre a virgindade, filosoficamente elucidadas*. Bahia: Tip. De José da Costa Vilaça, 1845.

(7) NUNES FILHO, José Rodrigues. *Algumas considerações sobre o homem especialmente suas relações entre o físico e o moral*. Bahia: Tip. Do Comércio de João Alves Portela, 1846.

(8) SANTOS, Jose Manoel de Castro Santos. Proposições em Frenologia, 1846. Apud: CASTRO, Dinorah. Op. Cit.

vista? A rigor, o tempo corre do mesmo modo, quer o desperdicemos, quer o economizemos. O essencial não é fazer muita coisa no menor prazo; é fazer muita coisa agradável ou útil. Para aquele preto o mais agradável é, talvez, esse mesmo caminhar a pé, que lhe alongará a jornada, e lhe fará esquecer o cativo, se é cativo. É uma hora de pura liberdade.

Estácio soltou uma risada.

— Você devia ter nascido...

— Homem?

— Homem e advogado. Sabe defender com habilidade as causas mais melindrosas.

Nem estou longe de crer que o próprio cativo lhe parecerá uma bem-aventurança, se eu disser que é o pior estado do homem.<sup>9</sup>

Apresentado, sumariamente, algumas características de cada sexo e suas distinções, passarei a investigar nos discursos literários do século XIX, sobretudo o machadiano, as representações construídas sobre a mulher separadamente, correlacionando-as com aquelas apontadas nos demais escritos baianos hodiernos.

### I. Os imaginários do *belo sexo*

Como era de se esperar de um homem, sobretudo, daqueles que uso como fonte, a primeira atitude que cometiam quando estavam a olhar uma mulher era admirar sua beleza física. Assim, nas teses de doutoramento da FMB e, principalmente, na literatura de ficção era a beleza das damas que lhes inspirava a pena. A essa beleza física se somavam os comportamentos que a reafirmavam, sejam eles gestos, hábitos, olhares, formas de pensar ou agir, que evidenciassem sua boa formação cristã e educação moral e intelectual.

Entretanto, antes de me ocupar sobre tais relatos tomarei uma exceção: uso como exemplo o conto *O Alienista*, de Machado de Assis, para expressar a influência da Frenologia e da Eugenia<sup>10</sup> no processo de escolha do par conjugal, que mesmo tendo sido menor do que os escritos médicos tentavam evidenciar, certamente, alcançaram os indivíduos da elite

---

(9) Machado de Assis. Helena, p 19. In: *Obras Completas, de Machado de Assis*, vol. I, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Publicado originalmente em folhetins, a partir de 06/08/1876, em O Globo. Site: <http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/romance/marm03.pdf>. Data: 16 de julho de 2009. Hora: 15:35.

(10) O termo Eugenia, cunhado por Francis Galton, no século XIX, tinha significando similar a "bem nascido". Galton definiu a Eugenia como o "estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente." Ver sobre o tema: GOLDIM, José Roberto. *Eugenia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

branca, econômica e letrada do Brasil e da Bahia, apesar de alguns esculápios repudiarem tais critérios como orientadores das escolhas conjugais.<sup>11</sup>

Machado de Assis informou, logo no início da obra supracitada, que o Dr. Simão Bacamarte casou-se aos quarenta anos com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, portanto, herdeira de considerável fortuna, mas que não chamava a atenção nem pela beleza, nem pela simpatia. Tal ato teria provocado à admiração de seu tio. E o recém-casado doutor teria explicado que D. Evarista reunia as melhores condições fisiológicas e anatômicas, entre elas: “digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes” e que, portanto, não reclamava dela ser mal composta de feições, visto que as prendas anteriormente enumeradas eram as únicas dignas de preocupação de um sábio da medicina. Mesmo porque, assim, ele tinha a certeza de que não deixaria a ciência pela esposa.<sup>12</sup>

A supracitada representação parece exótica e digna da famosa ‘prolixidade’ do autor, mas deve ser examinada por olhos atentos. Primeiro, Machado de Assis demonstrou que alguns médicos defendiam os pressupostos da Eugenia como critérios de escolha do par conjugal, tendo como objetivo encontrar uma mulher saudável e apta a dar filhos fortes, inteligentes e moralmente corretos – como era defendido e pode ser verificado também em algumas teses da FMB. (CASTRO, 1996). Depois, o autor atentou para o fato de que o casamento não era geralmente realizado por amor – outros elementos se sobrepunham aos sentimentos, entre eles o financeiro. Portanto, como salientou D’Incao, a relação entre os cônjuges era bem mais formal (socioeconômica) do que sentimental e destinava-se a uma aliança de proteção mútua consagrada na amizade e orientada à reprodução. (D’INCAO , 2006).

Feita a observação dessa exceção vamos ao corriqueiro admirar do físico do *Belo Sexo* e de seus hábitos. Na obra, *Uma Senhora*, Machado chamou atenção para o fato de D. Camila parecer sempre nova e bela. A beleza emergia, normalmente, associada à juventude, seja nas

---

(11) Sobre a influência das teorias da Frenologia e da Eugenia na Bahia ver: CASTRO, Dinorah. *A mulher submissa*: teses da Faculdade de Medicina da Bahia no século XIX. Salvador: Press Color, 1996.; e COSTA, Iraneidson Santos. *A Bahia já deu Régua e Compasso*: O Saber Médico-Legal e a Questão Racial na Bahia, 1890 – 1940. Dissertação de mestrado defendida no programa de Pós-Graduação em História da UFBA, 1997.

(12) Machado de Assis. O alienista, p. 1. In: *Obra Completa, de Machado de Assis*, Vol. II, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Site: <http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/contos/macn003.pdf>. Data: 12 de janeiro de 2010. Hora: 01:22.

teses da FMB<sup>13</sup> - que orientava a busca por mulheres entre dezesseis e vinte anos –, seja na literatura de ficção, como podemos ver pela seguinte citação:

Ela era, porém, daquela casta de mulheres que riem do sol e dos almanaques. Cor de leite, fresca, inalterável, deixava às outras o trabalho de envelhecer. Só queria o de existir.<sup>14</sup>

Porém, não foi somente a juventude que apareceu como sinônimo de beleza no trecho supracitado, a cor da pele, branca, alva, também foi exaltada. Da mesma forma que, em *A Mulher Pálida*:

Eulália era de um moreno pálido. Ou doença, ou melancolia, ou pó-de-arroz, começou a ficar mais pálida depois da herança do Iguazu. De maneira que, quando o estudante lá voltou um mês depois, admirou-se de a ver, [...]. A palidez de Eulália tinha-lhe dado uns trinta versos; porque ele, romântico acabado, do grupo clorótico, amava as mulheres pela falta de sangue e de carnes. Eulália realizara um sonho; ao voltar de Iguazu o sonho era simplesmente divino.<sup>15</sup>

A valorização da cor da pele estava relacionada ao desejo de reafirmação da ideia de superioridade da dita raça<sup>16</sup> branca em relação à negra pelos setores da elite dos oitocentos, visto que o referido século, também, fora marcado pela oposição entre o branco dominador e o negro dominado.<sup>17</sup> Entretanto, como o próprio Machado de Assis atentou, não bastava ser branca, tinha que ser pálida, como se o sangue já faltasse, bem como magra. Isso se deve, entre outros motivos, à disseminação de ideias românticas, que associavam o amor e a beleza ao sofrimento pelo sentimento e a pureza da brancura, que, em teoria, espreitavam os grupos minoritários de românticos e poetas.

---

(13) PIMENTA, Luiz Antonio. *Breves considerações sobre o casamento*. Bahia: Tip. de Epifânio Pedroza, 1849.

(14) Machado de Assis. Uma Senhora, p. 2. In: *Histórias Sem Data. Obra Completa, de Machado de Assis*, Vol. II, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Site: <http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/contos/macn004.pdf>. Data: 10 de dezembro de 2009. Hora: 14:37.

(15) Machado de Assis. A Mulher Pálida, p. 6. In: Machado de Assis. *A Mulher Pálida*. Publicado originalmente em A Estação, 15/08/1881 e 30/09/1881. Texto-fonte: <http://www2.uol.com.br/machadodeassis/>. Site: <http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/contos/macn085.pdf>. Data: 12 de dezembro de 2010. Hora: 16:03.

(16) O termo raça tem a acepção que os hodiernos do século XIX davam, sendo, portanto, uma definição baseada em critérios biológicos.

(17) Sobre as questões racialistas ver: RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. São Paulo: Madras, 2008; e COSTA, Iraneidson Santos. *A Bahia já deu Régua e Compasso: O Saber Médico-Legal e a Questão Racial na Bahia, 1890 – 1940*. Dissertação de mestrado defendida no programa de Pós-Graduação em História da UFBA, 1997.

De qualquer sorte, era a beleza que chamava a atenção dos jovens. Pode até ser que não fosse devido a essa característica que eles casassem no século XIX, mesmo porque, na maioria das vezes, não eram eles que escolhiam suas esposas, visto que os casamentos eram feitos, entre os setores da elite baiana, por meio das escolhas de seus pais, quase sempre orientados por um complexo sistema de alianças matrimoniais, no qual a riqueza e a origem eram os principais elementos de distinção. (MATTOSO, 1992, p.178-92). Porém, certamente, eram elas, a beleza e graça feminil, que capturavam as atenções dos rapazes:

Alfredo não exigia especialmente um sangue real; muita vez ia além da castelã, muita vez vinha aquém da filha dos doges, sonhava com Semiramis e com Ruth ao mesmo tempo.

O que ele pedia era o poético, o delicioso, o vago; uma mulher bela e vaporosa, delgada se fosse possível, em todo o caso vaso de quimeras, com quem iria suspirar uma vida mais do céu que da terra, à beira de um lago ou entre duas colinas eternamente verdes. A vida para ele devia ser a cristalização de um sonho. Essa era nem mais nem menos a sua ambição e o seu desespero.

Alfredo Tavares adorava as mulheres bonitas. [...]

Mas se a sua ambição era amar uma mulher, por que razão não amara uma de tantas que adorava assim de passagem? Leitor, nenhuma delas lhe tocara o verdadeiro ponto do coração. Sua admiração era de artista; [...].<sup>18</sup>

Provavelmente, o que faltava às mulheres enamoradas a Alfredo era o belo externo dos gestos, das vestes e dos comportamentos, mas, sobretudo, o belo interior da moral e da inteligência:

Escusado é dizer que não entrava no espírito do solitário amador a idéia de que Ângela fosse uma mulher vulgar. Era impossível que uma mulher tão bela não fosse igualmente, em espírito, superior ou, melhor, uma imaginação etérea, vaporosa, com aspirações análogas às dele, que eram de viver como se poetisa. Isto devia ser Ângela, sem o que não se cansaria a natureza a dar-lhe tão aprimorado invólucro. A necessidade de esperar que a senhora entrasse no carro, justificava este ato; mas a razão dele era pura e simplesmente a admiração, o pasmo, o êxtase em que ficou o nosso Alfredo ao contemplar, de perfil e à meia luz, um rosto idealmente belo, uma figura elegantíssima, gravemente envolvida em singelas roupas pretas, que lhe realçavam mais a alvura dos braços e do rosto. Eu diria que o rapaz ficara embasbacado, se o permitisse a nobreza dos seus sentimentos e o asseio do escrito.<sup>19</sup>

(18) Machado de Assis. Antes que Cases, p. 1. In: Edição referência: <http://www2.uol.com.br/machadodeassis>. Data: 10/12/2009. Hora: 12:03.

(19) Ibidem, p. 4.

No trecho transcrito, para além da valorização do romantismo, que havia adentrado no imaginário da juventude por meio da inspiração europeia, sobretudo, a francesa, e, posteriormente, dos escritos brasileiros desse estilo literário<sup>20</sup>, de tal sorte que começou a inspirar rebeldias contra as antigas regras que ditavam os casamentos por acordos, fazendo surgir os matrimônios por amor, emerge, também, a imediata associação entre beleza externa e interna, entre o físico e o moral. (FERREIRA FILHO, 2003, p. 115-49).

Alfredo, como romântico e jovem sonhador, desejava uma mulher completa, o que devia incluir: ser poetisa e romântica; educada, pelo menos, o mínimo necessário nas letras, mas, principalmente, nas aspirações superiores, que, nesse caso, referem-se aos bons códigos de conduta moral. O primeiro destes códigos foi o próprio Alfredo que apontou, melhor dizendo o próprio Machado, através da singeleza das roupas pretas, ou seja, de um vestir simples que colocava o financeiro atrás do caráter e dos sentimentos.

Entretanto, não era o costume de vestir simples que se estabelecia como regra entre os membros da elite baiana da sociedade oitocentista. Nos periódicos baianos do período<sup>21</sup>, bem como nas teses da FMB<sup>22</sup>, as vestes apareciam não só como elementos de sedução, mas, também, como caracteres de distinção social. E, em ambos os casos, serviam para atrair os pretendentes, mesmo porque, muitas mulheres da elite não sabiam se vestir como alguns médicos desejavam, com elegância e simplicidade, mas se encantavam pelo luxo das roupas e delas faziam verdadeiras armas de sedução:

Mal o avistou de longe, desceu Eugênia à porta do jardim. O chapelinho de palha, de abas largas, que lhe protegia o rosto dos raios do sol, — eram três horas da tarde, — tornava mais bela a figura da moça. Eugênia era uma das mais brilhantes estrelas entre as menores do céu fluminense. Agora mesmo, se o leitor lhe descobrir o perfil em camarote de teatro, ou se a vir entrar em alguma sala de baile, compreenderá, — através de um quarto de século, — que os contemporâneos de sua mocidade lhe tivessem louvado, sem contraste, as graças que então alvoreciam com o frescor e a pureza das primeiras horas.

Era de pequena estatura; tinha os cabelos de um castanho escuro, e os olhos grandes e azuis, dois pedacinhos do céu, abertos em rosto alvo e corado; o corpo, levemente refeito, era naturalmente elegante; mas se a dona sabia

(20) O romantismo - movimento literário e cultural inaugurado no Brasil pela obra *A moreninha* de Aluisio de Azevedo.

(21) Ver, por exemplo: *Jornal das Senhoras*, de 14 de março de 1854. BPCEBA.

(22) Ver: MORAES, Francisco da Silva. *Qual a causa da freqüência das ascites na Bahia?*. Bahia: Tip. de Camilo de Lelis Masson & C., 1866.

vestir-se com luxo, e até com arte, não possuía o dom de alcançar os máximos efeitos com os meios mais simples.<sup>23</sup>

Outros meios de sedução, que não só o físico, emergiram nesse momento. O primeiro deles podia ser creditado ao olhar, que devia ser singelo e límpido, demonstrando recato e pureza. Outras prendas femininas, que também eram supervalorizadas, eram os dons voltados para a música. Uma mulher que soubesse tocar piano era, inegavelmente, sedutora:

Clarinha era então uma interessante menina, cheia de graças e prendas. Era alta e magra, não da magreza mórbida, mas da magreza natural, poética, fascinante; era dessas mulheres que inspiram o amor de longe e de joelhos tão impossível parece que se lhes possa tocar sem profanação. Tinha um olhar límpido e uma fisionomia insinuante. Cantava e tocava piano, com a inspiração de uma musa.<sup>24</sup>

Além dos dons musicais, outra prenda de sociedade, evidenciada na literatura machadiana e nos periódicos baianos<sup>25</sup>, como sedutora aos olhares masculinos era a arte de saber dançar, visto que os grupos sociais abastados elogiavam a graça, a leveza, a delicadeza e precisão dos movimentos que a mulher desenvolvia nos salões. As damas da época tinham total consciência do quanto chamavam a atenção e se enalteciam nesses momentos:

Quando Mendonça valsava com Eugênia, todos os olhos se concentravam neles. Eram valsistas de primeira ordem. As ondulações do corpo de Eugênia, e a serenidade e segurança de seus passos adaptavam-se maravilhosamente àquela espécie de dança. Era belo vê-los percorrer o vasto círculo deixado aos movimentos; vê-los enfim parar com a mesma precisão e sem o menor sintoma de cansaço. Eugênia punha toda a atenção no gesto de braço com que, logo que interrompia ou cessava de todo a valsa, conchegava ao corpo a saia do vestido. O prazer com que fazia esse gesto, e a graça com que o acompanhava de uma leve inclinação do corpo mostravam que, mais ainda a faceirice do que a necessidade, lhe movia o corpo e a mão. Esta sorte de triunfos enchia a alma de Eugênia; e, porque ela não possuía nem a modéstia nem a arte de a simular, via-se-lhe no rosto o orgulho e a satisfação. A dança não era para a filha de Camargo um gozo ou um recreio somente; era também um adorno e uma arma. Daí vinha que o valsista mais intrépido e constante era também o principal parceiro do seu espírito; e ninguém disputava esse papel ao filho do comerciante.

(23) Machado de Assis. Helena, p 12-13. In: *Obra Completa, de Machado de Assis*, vol. I, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Site: <http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/romance/marm03.pdf>. Data: 16 de julho de 2009. Hora: 15:35

(24) Machado de Assis. Astúcias de um marido, p. 1. Texto-fonte: *Contos Completos, de Machado de Assis*, vol. I, Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2002. <http://www2.uol.com.br/machadodeassis/> Publicado originalmente em *Jornal das Famílias*, de 10/1866 a 11/1866. Data de acesso ao site: 11 de dezembro de 2009. Hora: 12:55.

(25) *Jornal das Senhoras*, de 14 de março de 1854. BPCEBA.

- Sua filha é a rainha da noite, murmurou o Dr. Matos ao ouvido de Camargo, em um intervalo do voltarete.  
— Não é verdade? Acudiu o médico.<sup>26</sup>

Porém, as prendas femininas não se limitavam aos dotes artísticos. Uma mulher que soubesse chamar a atenção pela inteligência, docilidade e submissão, além do conhecimento da ciência da administração do lar tinha seu valor.<sup>27</sup> Contudo, uma entre todas as artes era discreta, mas estimada – a de saber lidar com os indivíduos, polindo suas atitudes de tal forma que cativasse o outro, prendendo-o por gosto, como quem se submete para conquistar, ou seja, o ato de ser civilizada.

D' Incao afirmou que essas novas funções femininas, ligadas à inteligência e à educação, aos cuidados domésticos e, principalmente, de intermediária nas relações sociais foram resultado do processo de aburguesamento dos costumes da sociedade brasileira, ocorrido, sobretudo, na segunda metade do século XIX. Assim, as mulheres passavam a ter a função de contribuir com o projeto de ascensão social da família por meio de sua postura nos salões, eventos públicos e na vida cotidiana, como esposas e mães exemplares, segundo o ideal higiênico hodierno. (D'INCAO, 2006, p. 229).

É normal que se afirme que uma mulher com tantas qualidades não existisse, mesmo porque até enumerá-las e analisa-las se torna difícil. Lembremos que estamos a tratar de discursos, imaginários e, portanto, de planos ideais (PESAVENTO, 1999). É devido a essa dificuldade que não ousou descrever com minhas próprias palavras uma mulher ideal, deixarei que a pena que tem nos guiado nessas primeiras empreitadas o faça, visto que essa donzela de novelas se faz inigualável. Vamos à bela, inteligente e perfeita Helena:

Estácio examinou aos poucos a figura da irmã.  
Era uma moça de dezesseis a dezessete anos, delgada sem magreza, estatura um pouco acima de mediana, talhe elegante e atitudes modestas. A face, de um moreno-pêssego, tinha a mesma imperceptível penugem da fruta de que tirava a cor; naquela ocasião tingiam-na uns longes cor-de-rosa, a princípio mais rubros, natural efeito do abalo. As linhas puras e severas do rosto parecia que as traçara a arte religiosa. Se os cabelos, castanhos como os olhos, em vez de dispostos em duas grossas tranças lhe caíssem espalhadamente sobre os ombros, e se os próprios olhos alçassem as pupilas ao céu, disséreis um daqueles anjos adolescentes que traziam a Israel as

(26) Machado de Assis. Helena, p 36. Machado de Assis. Op. Cit.

(27) COUTINHO, José Lino. *Cartas sobre a educação de Cora, seguidas de um Cathecismo moral, político e religioso*. Bahia: Typografia de Carlos Poggetti, 1849.

mensagens do Senhor. Não exigiria a arte maior correção e harmonia de feições, e a sociedade bem podia contentar-se com a polidez de maneiras e a gravidade do aspecto. Uma só coisa pareceu menos aprazível ao irmão: eram os olhos, ou antes o olhar, cuja expressão de curiosidade sôca e suspeitosa reserva foi o único senão que lhe achou, e não era pequeno.<sup>28</sup>

[...]

Helena tinha os predicados próprios a captar a confiança e a afeição da família. Era dócil, afável, inteligente. Não eram estes, contudo, nem ainda a beleza, os seus dotes por excelência eficazes. O que a tornava superior e lhe dava probabilidade de triunfo, era a arte de acomodar-se às circunstâncias do momento e a toda a casta de espíritos, arte preciosa, que faz hábeis os homens e estimáveis as mulheres. Helena praticava de livros ou de alfinetes, de bailes ou de arranjos de casa, com igual interesse e gosto, frívola com os frívolos, grave com os que o eram, atenciosa e ouvida, sem entono nem vulgaridade. Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes.

Além das qualidades naturais, possuía Helena algumas prendas de sociedade, que a tornavam aceita a todos, e mudaram em parte o teor da vida da família. Não falo da magnífica voz de contralto, nem da correção com que sabia usar dela, porque ainda então, estando fresca a memória do conselheiro, não tivera ocasião de fazer-se ouvir. Era pianista distinta, sabia desenho, falava correntemente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente. Mediante os seus recursos, e muita paciência, arte e resignação, — não humilde, mas digna, — conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis.<sup>29</sup>

[...]

Apertaram-se as mãos, e o passeio continuou nas melhores disposições do mundo.

Helena deu livre curso à imaginação e ao pensamento; suas falas exprimiam, ora a sensibilidade romanesca, ora a reflexão da experiência prematura, e iam diretas à alma do irmão, que se comprazia em ver nela a mulher como ele queria que fosse, uma graça pensadora, uma sisudez amável.<sup>30</sup>

O longo trecho evidencia o ideal de mulher expresso na literatura da época, visto que outro não seria mais completo. Completude que faz desnecessário que analisemos detalhadamente cada uma das características enumeradas, visto que o leitor pode extrair desse retrato todas as imagens e características desejadas. Contudo, observa-se a reafirmação de características físicas e comportamentais já apontadas. Entre as quais se destacam, no que tange ao físico: a predileção por mulheres novas; com a pele branca – alva ou rosada, e tez macia – como a de um pêssego; traços do rosto finos, como aqueles expressos na arte religiosa europeia; cabelos lisos; e olhos azuis. Já em relação às características comportamentais há um forte apreço às mulheres: tímidas; dóceis; delicadas; românticas, mas racionais; e inteligentes; que se destaquem, ainda, por terem dons artísticos, como: saber

(28) Machado de Assis. *Helena*, p 8. In: Machado de Assis. Op. Cit.

(29) Machado de Assis. *Helena*, pp. 10-11. In: Machado de Assis. Op. Cit.

(30) *Ibidem.*, p. 18.

pintar, cantar e tocar piano; para além daquelas que soubesse a ciência dos cuidados do lar e da arte das relações públicas.

Porém, se o todo já fora exposto, faz-se necessário atentar para três elementos particulares, que chamavam a atenção do homem em um corpo do *Belo Sexo*: as mãos, os pés e o colo, melhor dizendo, os seios. Mary Del Priore chamou atenção para os dois primeiros lugares supracitados, pois esses eram os objetos de desejo do *Sexo Varonil*. Como a maior parte do corpo, se não quase ele todo, estava coberto sobrava às extremidades, que, por vezes, faziam os homens tremerem de um frio proveniente da obsessão do desejo. As mãos deviam ser longas, com dedos finos, terminados em unhas arredondadas e transparentes, para chamar a atenção de um moço (DEL PRIORE, 2006, p. 154), como podemos evidenciar na seguinte citação:

[...]. Veja o leitor se a moça que ali se acha no leito, com o corpo meio inclinado, um braço nu escapando-se do alvo lençol e tendo na extremidade uma mão fina e comprida[...].<sup>31</sup>

Já os pés tinham que ser pequenos e terminados em uma pequena ponta. As carnes e os ossos deviam se moldar as dimensões dos sapatos para revelar que a mulher fazia parte de um grupo social distinto, aquele em que saíam pouco e, portanto, pouco caminhavam, ao contrário das escravas ou mulheres pobres e trabalhadoras, que devido a muito caminhar tinham pés chatos, grandes e largos, sem dobras. Assim, esses pés pequenos, curvados e finos revelavam a vida do ócio, a qual parte das mulheres de elite eram, supostamente, impostas, bem como serviam de símbolo de um ‘grupo racial’, o de origem ‘pura e branca’, ou seja, distante dos ‘grupos raciais’ negros ou mestiços (DEL PRIORE, 2006, p. 155):

Ao pé do leito,[...], estende-se um pequeno tapete, [...]. Sobre esse tapete estão duas chinelinhas, de forma turca, forradas de seda cor-de-rosa, que o leitor jurará serem de um despojo de Cendrion. São as chinelas de Cecília. Avalia-se já que o pé de Cecília deve ser um pé fantástico, imperceptível, impossível; e examinando bem pode-se até descobrir, entre duas pontas do lençol mal estendido, a ponta de um pé capaz de entusiasmar o meu amigo Ernesto C..., o maior admirador dos pés pequenos, depois de mim... e do leitor.<sup>32</sup>

(31) Machado de Assis. *O anjo das donzelas*, p. 1. Texto-fonte: <http://www2.uol.com.br/machadodeassis/>

(32) Ibidem.

Em uma sociedade como a baiana do século XIX, fruto da mestiçagem, mesmo entre os grupos de elite econômica, tais características não deviam ser tão facilmente encontradas. Kátia Mattoso atentou ao fato das elites baianas desenvolverem uma conduta de assimilação de grupos mestiços, por meio do reconhecimento dos filhos dos senhores com as escravas, o que impedia o desenvolvimento do projeto de manutenção dos critérios de pureza racial. (MATTOSO, 1998).

Por fim, o último dos elementos era o colo dos seios, ou o próprio seio. Não é de se admirar que essas partes chamassem a atenção, já que os vestidos das damas de sociedade, apesar de cobrirem boa parte do corpo, geralmente, eram caracterizados por grandes decotes que iam até, pelo menos, um quarto dos seios. E mesmo aqueles que vinham com uma renda sobre os decotes tinham essas tão finas que nada escondiam. Somando-se isso ao uso dos espartilhos, que além de uni-los e apertá-los, ainda, levantava-os e jogava-os à frente. Essa parte curva do corpo feminino e, certamente, útil aos homens em dois momentos distantes e diferentes, atraía os desejos mais libidinosos:

Goethe escreveu um dia que a linha vertical é a lei da inteligência humana. Pode dizer-se, do mesmo modo, que a linha curva é a lei da graça feminina. Mendonça o sentiu, contemplando o busto de Helena e a casta ondulação da espádua e do seio, cobertos pela cassa fina do vestido.<sup>33</sup>

Ao leitor despercebido deve ter escapado o que não é óbvio. Na citação, é expresso não somente o apreço às curvas e aos seios das mulheres, mas, também, a diferença intelectual entre os sexos. Machado evidenciou, por meio de Goethe, que o raciocínio era o distintivo dos seres humanos para com os outros animais, quando disse “que a linha vertical é a lei da inteligência humana” – o ato de ter ficado ereto. Porém, aclamou a mulher como sua primordial característica a beleza e não a capacidade de raciocinar. Afinal, podia faltar as mulheres atilamento, mas não o fascínio proveniente do belo, sendo a capacidade intelectual no *Belo Sexo* um bônus desejado, apenas, por alguns homens mais ilustrados.

Já que começamos a falar das roupas, que continuemos. Segundo Therezinha de Castro, na Bahia do século XIX, o vestuário feminino já seguia a moda francesa. Toda vez que aportava os navios provenientes da Europa, os ‘paquetes’, as lojas anunciavam

---

(33) Machado de Assis. *Helena*, p 49. In: Machado de Assis. Op. Cit.

detalhadamente as novidades que a moda parisiense trazia. (CASTRO, 1982, pp.65-8).

Dinorah de Castro faz uma detalhada exposição deste vestuário:

Chapéus de castor, pretos e brancos, em seda e muito finos; chapéus de camélia para senhoras e meninas; anáguas-balão, da moda, em linho; fazenda para bailes; ricos vestidos de chamalote preto; capas e manteletes, pretos, em seda; chapéus de sol, em seda; paragons; seda Foulard para roupas de senhora; luvas de pelica; colarinhos bordados; capotes de lã, alvadios, ou em seda; [...]; seda encorpada; saias; leques de madreperola, estampados sobre pergaminho e seda; alfinetes enfeitados com pedras de coralina, brancas ou em cores, para segurar cabelo; ‘modernísimos’ pentes de tartaruga à Isabel; ‘superiores’ botinas de pelica cetim, com botões pelo lado, vestidos brancos de seda lavrada com dois babados, para casamentos; moiré (tafetá achamalotado), nobreza (certo tecido de seda), grinaldas de flores de laranjeiras, ‘véus de boind’, brancos binóculos em madreperola[...] (CASTRO, 1996, pp.33-4).<sup>34</sup>

Segundo João Varela, esses ornamentos femininos se transformavam em armas de sedução. A beleza feminina era acentuada pelos vestidos e demais adornos que destacavam os seus naturais encantos. Varela evidenciou, ainda, que as damas de sociedade na Bahia ostentavam sem parcimônia, pois usavam muitos ornamentos e aparelhos, dentre os quais se destacam: as ‘anquinhas’, uma espécie de armação de arame arqueada, que se colocava na parte posterior do corpo sobre as nádegas, que, por vezes, podiam vir recheadas de almofadas; e o espartilho, aparelho de uso comum segundo Varela.<sup>35</sup>

Durante o século XIX, não foram poucos os periódicos femininos que se ocuparam com os assuntos relacionados à moda, sobretudo, a francesa. Em *Jornal das Senhoras*, de 1854, encontra-se a seguinte referência sobre o poder de sedução de uma mulher bem trajada segundo as regras da época:

[...]Para prová-lo, basta contemplar-se a mulher formosa dos campos e uma simples beleza da corte trajada comme il faut. Resulta da comparação – que prefere-se a segunda à primeira, e por uma razão muito clara. Por mais bela

(34) Além destes elementos citados do vestuário baiano, pode-se encontrar outros no inventário de Lino Coutinho. Nesse Coutinho descreve as despesas que teve com as roupas de sua filha Cora em viagem a Paris: “Tais despesas eram referentes as meias de seda e de linho, chapéu de senhora, chalé preto, feitiço de vestido e aviamentos, luvas pretas para senhora, passaporte para Paris, um par de caracóis de cabelo, botina e sapatos de senhora, véu de renda preta, pagamento do mestre de Frances, sapatos de La para senhora, pulseiras, anel, brincos de cabelo, colar de cabelos, lavagem de roupa, passaporte para o Brasil, transporte, despesas da viagem, quarto do hotel no Brasil, diligência de Paris a Havre, e até as cartas que enviavam para o Brasil e as miudezas que compraram ou “para completar o pagamento dos relógios de Cora”. APEB, Seção Judiciária – COUTINHO, José Lino. Inventário, ref. 01/105/157/04 (1836-1862), p. 36-44.

(35) VARELLA, João. *Da Bahia que eu vi - factos, vultos e typos populares*. O povo, Salvador, 1935, pp. 47.

que seja uma mulher, é necessário um pouco de arte para merecer a admiração de um homem. Isto é uma lei da natureza; por ventura o brilhante bruto tem o valor do brilhante lapidado?<sup>36</sup>

Porém, não eram poucas as mulheres que se colocaram contra o exagero do luxo no trajar. Uma autora brasileira, que não pude identificar devido ao estado de conservação do documento, no conto *A casa*, de 1883, atribuiu a infelicidade matrimonial de sua personagem ao fato desta ter sido, quando solteira, uma “menina muito bonita e muito da moda [...] mulher frívola que pouco antes só pensava em teatros e bailes”.<sup>37</sup>

Segundo Nancy Sento Sé de Assis, a moda tivera um lugar de destaque no repertório de inquietação com a reputação das moças e, conseqüentemente, com o comportamento delas nas alianças matrimoniais realizadas durante as ocasiões festivas. Para Sento Sé de Assis, paradoxalmente, tal preocupação resultaria em uma interessante concessão à liberdade à *toilett* das damas casadas, visto que enquanto para estas eram aceitos e até estimulados os exageros de vestuário, por meio dos “decotes, joias e outros adornos”, para as solteiras era recomendado vestes recatadas e modestas, visto que elas deviam ser valorizadas pelos “sorrisos tímidos” e “olhares por sob os cílios”. (ASSIS, 2007, p. 42).

Podemos afirmar, ainda, que os costumes ligados ao vestuário não passariam ilesos, sem análise dos médicos da FMB. Os doutorandos, que tanto elogiavam a beleza física das damas, apesar de defenderem uma vestimenta mais simples do que as utilizadas, não se colocavam contra os ornamentos e as vestes que valorizavam o belo corpo feminino. Preocupados com a saúde física e moral de suas filhas e esposas criticavam as roupas que podiam prejudicar a higiene.

O doutorando Francisco da Silva Moraes considerou os trajes das damas baianas prejudiciais à saúde, visto que sendo eles flutuantes e abertos na parte inferior facilitavam o contato das partes do corpo, compreendidas entre a cintura e os joelhos, com o ar frio e úmido. Afirmava, ainda, que a parte compreendida do pescoço até parte dos seios, devido aos enormes decotes, encontrava-se, também, expostas aos efeitos da natureza, o que, além de maléfico à saúde era contrário às regras da decência. Para resolver o problema das partes inferiores recomendava o “decente uso das calçolas” e, das partes superiores, a diminuição

---

(36) Jornal das Senhoras, de 14 de março de 1854. BPCEBA.

(37) Almanach do Diário de Notícias, 1883, pp. 97-98. BPCEBA.

dos decotes.<sup>38</sup> Entretanto, nenhum dos instrumentos femininos fora mais criticado do que os espartilhos, pelos doutores da FMB:

Arma-se para logo, dos mais incômodos e prejudiciais compressores, nos quais prima mais o trabalho de um ferreiro que o de uma modesta costureira! Quero falar dos espartilhos, desses malditos coletes, que tanta graça e feitiço dão a uma jovem, quanto arruinam a sua saúde.<sup>39</sup>

O doutorando Boaventura da Silva Bahia dizia que a jovem empregava o espartilho como uma espécie de corretivo ao físico, com o objetivo de alinhar perfil de rainha da moda. Porém, tal instrumento acabava prejudicando a saúde por dificultar a circulação torácica e abdominal, empurrando para a cavidade pelviana o útero e as vísceras do abdômen.<sup>40</sup> Já José Rodrigues Nunes filho afirmou que os espartilhos usados, sobretudo, pelas mulheres românticas e vaidosas eram a causa de doenças nervosas diversas:

[...] senhoras há por aqui na Bahia, que não perdem baile, soirée ou jantar para que sejam convidadas, e no fim de tudo morrem, sem a medicina poder atinar a moléstia, vindo-se porem a encontrar em seu cadáver regos provenientes do cinto, com que elas se apertavam, ou tem continuados ataques histéricos, que certo não são produzidos por outra causa.<sup>41</sup>

Por fim, Joaquim Telésfero Ferreira Lopes Viana chamava a atenção para os acidentes provocados por este instrumento:

Ouvi-me nós, senhoras, que sois as deusas do luxo e da beleza: encontraram uma costela fraturada, e uma esquirola óssea encravada no parênquima do fígado; e o que ocasionou tão terrível acidente? Cobri vossos semblantes de horror: foi o espartilho – o seu excessivo aperto! “Ah! Sirva-vos de exemplo esse funestíssimo caso, e o Céu nos livre dos destinos daquela vítima malfadada!”<sup>42</sup>

Entretanto, não era só em relação ao espartilho que o doutorando Lopes Viana direcionava sua crítica. Ele chamou atenção para dois outros meios praticados de forma

(38) MORAES, Francisco da Silva. *Qual a causa da freqüência das ascites na Bahia?*. Bahia: Tip. de Camilo de Lelis Masson & C., 1866.

(39) VIANA, Joaquim Telésfero Ferreira Lopes. *Breves considerações sobre o aleitamento*. Bahia: Tip. de Epifânio Pedroza, 1853.

(40) BAHIA, Boaventura da Silva. *Considerações acerca do abortamento*. Bahia: Imprensa Econômica, 1885.

(41) NUNES FILHO, José Rodrigues. *Algumas considerações sobre o homem especialmente suas relações entre o físico e o moral*. Bahia: Tip. do Comércio de Jaó Alves Portela, 1846.

(42) VIANA, Joaquim Telésfero Ferreira Lopes. Op. Cit.

corriqueira pelas mulheres, que buscavam atingir o ideal estético de magreza e tez pálida: o primeiro, o uso do vinagre, de que costumavam fazer as moças mais gordas, com o intuito de se tornarem esbeltas e pálidas; o segundo, a prática de ficar o dia inteiro sem comer, o que as levava a síncope.<sup>43</sup>

### **Referências bibliográficas**

- ABREU, Márcia (org.). *Cultura letrada no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- ALENCASTRO, Luiz F. de (org.); e NOVAIS, Fernando A. (coord.). *História da Vida Privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ALVES, Lizir Arcaño. (org.). *Mulheres escritoras na Bahia: as poetisas (1822-1918)*. Salvador: Étera, 1999.
- ARAS, Lina Maria B. de; SARDENBERG, Cecília; & VANIN, Iole M. *Fazendo gênero na historiografia baiana*. Salvador: NEIM/UFBA, 2001.
- ASSIS, Nancy Rita Sento Sé de. *Amor de Baile*. In: REVISTA ARTEMIS. Vol. 7, dezembro de 2007., pp. 36-46
- BORGES, Valdeci Rezende. *Imaginário Familiar: história da família, do cotidiano e da vida privada na obra de Machado de Assis*. Uberlândia: Aspectus, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. Campo Intelectual e projeto criador. In: POUILLON, Jean et Alli. *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- BURKE, Peter. *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CALMON, Pedro. Da Academia Brasileira: História da Literatura Baiana. In: CALMON, Pedro. *Evolução Histórica da Cidade do Salvador*. Salvador: PMS, 1949. Vol. 2.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1976.
- CASTRO, Dinorah. *A mulher submissa: teses da Faculdade de Medicina da Bahia no século XIX*. Salvador: Press Color, 1996.

---

(43) Ibidem.

- CASTRO, Therezinha. *História da Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: CAPAMI, 1982.
- CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1997.
- COSTA, Iraneidson Santos. *A Bahia já deu Régua e Compasso: O Saber Médico-Legal e a Questão Racial na Bahia, 1890 – 1940*. Dissertação de mestrado defendida no programa de Pós-Graduação em História da UFBA, 1997.
- DEL PRIORE, Mary. *Historia do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DEL PRIORE, Mary. (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: DEL PRIORE (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006., pp. 223-240.
- D'INCAO, Maria Ângela. O amor romântico e a família burguesa. In: D'INCAO, M. A. (org.). *O amor e a família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.
- FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem pariu e bateu, que balance!:* mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador (1890-1940). Salvador: CEB, 2003.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- GLEDSON, J. *Machado de Assis. Ficção e História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- GOLDIM, José Roberto. *Eugenia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.
- LEITE, Márcia Maria da Silva B. *Entre a tinta e o papel: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920)*. Salvador: Quarteto, 2005.
- MATTOSO, Kátia. *Bahia, século XIX: Uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- MATTOSO, Kátia. *Família e sociedade na Bahia do século XIX*. Salvador: Corrupio, 1988.
- PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; e, SOUZA, Celia Ferraz de. *Imagens Urbanas: Os Diversos Olhares na Formação do Imaginário Urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopez (org.) *Cultura e história em debate*. São Paulo: Afiliada, 1995.

REIS, Adriana Dantas. *Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX*. Salvador: FCJA/CEB, 2000.

RIBEIRO, Luis Felipe. *Mulheres de Papel*. Um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. São Paulo: Madras, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio*. Lisboa: Europa-América, 1990.

SCOTT, Joan W. História das mulheres. In: Burke, Peter. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992., pp. 63-95.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VERÍSSMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

Artigo recebido em agosto de 2012.

Aceito em setembro de 2012.